

Trump vaza mensagem de Macron, ataca europeus e exige Groenlândia

Americano subiu a tensão na Europa com ameaças pelo território dinamarquês

Por Igor Gielow (Folhapress)

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escalou ainda mais o conflito em torno da posse da Groenlândia com seus aliados europeus nesta terça-feira (20). Criticou o Reino Unido e vazou mensagens recebidas do presidente da França, Emmanuel Macron, e do secretário-geral da Otan, Mark Rutte. Além disso, ele ameaçou na noite de segunda (19) o francês com 200% de tarifas de importação sobre o vinho e o champanhe do país europeu caso ele não aceite ingressar no chamado Conselho de Paz para a Faixa de Gaza, iniciativa do americano que visa escanteiar a ONU na reconstrução do território palestino.

A ilha autônoma dinamarquesa tem grande valor estratégico e econômico e, embora os EUA já tenham lá uma importante base militar e acesso a recursos minerais desde 1951, agora Trump a tornou uma prioridade. "Não tem volta", escreveu na sua rede Truth Social, sobre o desejo de anexá-la.

Literalmente desenhando suas intenções, postou duas imagens. Numa, produzida por inteligência artificial, ele planta a bandeira americana na ilha ao lado do secretário Marco Rubio (Estado) e do vice, J. D. Vance, com uma placa indicando: "Groenlândia - Território dos EUA - Estabelecido em 2026".

Noutra, a ilha aparece sob a ban-



Trump postou essa imagem de IA em que finca a bandeira americana na Groenlândia

deira americana no local onde havia um mapa da Ucrânia em reunião que Trump teve sobre a guerra com líderes europeus na Casa Branca, no ano passado.

Em outra postagem nesta madrugada, Trump mirou o Reino Unido, ironicamente chamado de "brilhante aliado" na Otan. Disse que a decisão britânica de ceder o arquipélago de Chagos, no Índico, às Ilhas Maurício, foi "um ato de grande estupidez".

"Não há dúvidas de que China e Rússia notaram esse ato de total fraqueza", disse. A base estratégica de Diego Garcia, operada por bri-

tânicos e americanos, fica no local, mas ela não é afetada pelo acordo de 2025: na realidade, ele garantiu o controle do local pelos aliados, evitando um despejo que se desenhava na Justiça em Londres.

"Os americanos aplaudiram a decisão", lembrou em nota o governo do premiê Keir Starmer. Na postagem, Trump relaciona o caso à Groenlândia. "Isso é outra de uma longa lista de razões de segurança nacional" pelo que a ilha precisa ser adquirida.

Além disso, o americano apostou na "diplomacia do vazamento", por assim dizer, ele busca pressio-

nar ainda mais a Europa - países do continente que defendem o direito dinamarquês sobre a ilha foram objeto de imposição de 10% de tarifas sobre suas exportações aos EUA no sábado (17).

O alvo maior foi Macron, um presidente enfraquecido politicamente que tenta se colocar como antípoda de Trump. O americano vazou uma mensagem de texto do francês na qual ele diz: "Eu não entendo o que você está fazendo na Groenlândia".

Nela, Macron sugere dois encontros na quinta (22) em Paris, após o Fórum de Davos (Suíça), ao

qual ele vai comparecer nesta terça e Trump, na quarta (21). Primeiro, um encontro do G7 que inclua russos e ucranianos para discutir a guerra e, depois, um jantar privado com o americano.

Antes da postagem, Trump havia feito a ameaça tarifária e ironizado o mau momento político do francês, cujo mandato expira em maio de 2027. Questionado por jornalistas sobre a recusa relatada do presidente de integrar o Conselho da Paz, o presidente disse que "ninguém quer ele porque ele estará fora do cargo logo".

"Eu vou colocar uma tarifa de 200% nos seus vinhos e champagnes e ele vai aderir, mas ele não tem de fazer isso", afirmou. Nesta terça, o Ministério da Agricultura da França chamou a fala de chantagem.

Por fim, Trump tratou do holandês Rutte, um dos líderes europeus que mais buscam adular o líder americano. Disse ter tido uma "ótima conversa" por telefone com ele sobre o caso da Groenlândia, e que irá realizar uma reunião sobre o tema em Davos.

Expondo Rutte, publicou o que parecia ser uma mensagem do dia 10, quando os EUA atacaram posições do Estado Islâmico na Síria. Nela, o chefe da Otan diz que "estou comprometido em encontrar uma forma de avançarmos sobre a Groenlândia" e, no seu melhor estilo, completa: "Mal posso esperar para te ver".

China tem a pior taxa de natalidade desde a fundação da república

Dez anos após o fim da política do filho único, a China ainda colhe uma crise demográfica sem sinais de recuperação. Novos dados apresentados pelo regime chinês mostram que o país teve, em 2025, mais mortes do que nascimentos pelo quarto ano seguido. A taxa de natalidade teve o seu pior desempenho desde 1949, quando foi fundada a República Popular da China.

Em 2025, o país registrou 7,92 milhões de nascimentos, com uma taxa de natalidade de 5,63 por mil. As mortes contabilizaram 11,31 milhões, gerando uma taxa de mortalidade de 8,04 a cada mil. O crescimento natural da população foi, portanto, negativo.

Hoje, um dos países mais populosos do mundo conta com cerca de

1,4 bilhão de pessoas, uma redução de 3,3 milhões em relação a 2024.

Após décadas em queda, a taxa de crescimento natural da sociedade chinesa passou a ser negativa em 2022, quando, pela primeira vez, mais pessoas morreram do que nasceram. Agora, as lideranças do Partido Comunista da China buscam entender como fazer com que sua população decida ter mais filhos.

O problema é um dos mais graves enfrentados pela cúpula. O envelhecimento da população tem gerado uma sobrecarga sobre os sistemas previdenciários e de saúde, o que também indica menos trabalhadores em idade ativa para ser o suporte de uma economia em constante crescimento.

A queda na natalidade, assim

como o consequente crescimento negativo da população chinesa, são vistos como resultado direto da política do filho único, que ficou em vigor entre 1979 e 2015.

A medida, que marcou a crise populacional vivida pelo país asiático, determinou que famílias chinesas poderiam ter apenas uma criança sob pena de multas elevadas e perdas de benefícios do Estado, além da pressão social e política que causou inúmeros abortos e abandonos de bebês pelo país.

O primeiro relaxamento ocorreu em 2016, quando foram permitidos até dois filhos por casal. Cinco anos



China vive uma crise demográfica sem sinais de recuperação

depois, em 2021, o limite cresceu para até três crianças por família. Ainda assim, o alívio às restrições não causou efeito sobre as décadas de proibição.

Medidas como subsídio nacional para o cuidado de crianças pequenas e redução dos custos associados à gravidez foram implementadas, mas até agora se mostraram insuficientes.

Resolver o problema se tornou o sonho da nação vendido pela propaganda comunista. O rejuvenescimento, anunciado em 2012 pelo líder do regime, Xi Jinping, como o "sonho chinês", está longe de ser realizado.

"A história demonstra que o fu-

turo e o destino de cada um de nós estão intimamente ligados aos de nosso país e de nossa nação. Só podemos prosperar quando nosso país e nossa nação prosperarem. Alcançar o rejuvenescimento da nação chinesa é uma missão gloriosa e árdua, que exige o esforço dedicado do povo chinês, geração após geração", disse Xi em discurso naquele ano.

Além do incentivo, as lideranças determinaram políticas para atenuar os efeitos já observados, como reforma previdenciária, automação de processos industriais e o incentivo à entrada de mulheres ao mercado de trabalho.

Um relatório do Banco Mundial publicado em 2024 atribuiu parte da desaceleração da economia chinesa ao envelhecimento, apontando que, de 2003 a 2012, o crescimento médio anual foi de 10,5%, enquanto de 2013 a 2022 caiu para 6,2%.

A instituição diz que, sem políticas e ajustes comportamentais que mitiguem os efeitos, o envelhecimento pode reduzir ainda mais a força de trabalho, pressionar as finanças do governo e afetar a produtividade.

Por Victoria Damasceno
(Folhapress)